

(DA BREVE CRÔNICA DA
CONGREGAÇÃO DOS SAGRADOS ESTIGMAS DE N.S.J. CRISTO)

74. - ... Os tempos eram muito difíceis, e exigiam muita prudência, com ela Pe. Gaspar orientava seus filhos. Mas não se esquecia dos princípios ensinados pela fé. Convencido de que a revolução é um grande mal, mostrou-se sempre fiel às autoridades constituídas, censurando e condenando as intrigas das sociedades secretas. E procurava infundir esses princípios, também, nas mentalidades dos outros. “Nas pregações (diz o Pe. Lenotti) ele e seus companheiros, sem medo, mesmo em 1848, tiveram a coragem de pregar a máxima católica da submissão devida à autoridade”.

Não devemos admirar se foram alvos dos sectários e acusados de inimigos da Pátria e da liberdade. Aliás, sabemos pelo mesmo Pe. Lenotti, que os inimigos de Pe. Gaspar “haviam-lhe preparado ciladas e faziam planos sobre seus bens”.

75. - Naquele mesmo ano, nossos padres tiveram que sofrer, também por parte do Governo austríaco, em consequência de seu zelo. Vejamos os fatos em nossas Crônicas. “Muitos soldados antes de ir para a batalha pediam para reconciliar-se com Deus. Principalmente na igreja de S. Nicolau havia grande concorrência deles. Pe. Bertoni, atendendo pedidos, mandou dois dos seus, os Pes. Francisco Benciolini e Inocêncio Venturini, para atender as confissões daqueles pobres infelizes. Começaram a correr boatos pela cidade de que os sacerdotes, ao invés de confessar, compravam os soldados com dinheiro e os incitavam à deserção. Não foi preciso mais nada: a polícia imediatamente fez uma caçada, e logo juntamente com outros sacerdotes, os dois nossos foram detidos e levados para a prisão de S. Tomás, com escolta e capote e barrete militar. Por falta de sorte, Pe. Benciolini tinha no bolso dinheiro de prata que lhe fora dado pelo próprio Pe. Bertoni, naquele mesmo dia, para sua alimentação, pois ele morava no convento dos Abandonados. E aquele dinheiro aumentou as suspeitos e tornou quase realidade uma simples conjectura. Eles e seus companheiros são declarados inimigos dos alemães, e apontados como os que subornavam os soldados. Durante muitos dias ficaram duramente confinados na cadeia, separados uns dos outros, sem nenhum conforto, exceto Deus, em quem eles colocavam toda a confiança; porque humanamente falando, estando a cidade em estado de sítio, nada mais se podia esperar que, de uma hora para outra fossem condenados à morte”. (105)

Imaginemos, pois, o sofrimento de Pe. Gaspar, a desolação dos outros seus filhos, ao ver ameaçada a vida daqueles dois zelosos confrades, de quem tanto precisavam. Mas Deus protege seus servos; apenas divulgada a notícia da prisão deles, logo personalidades de grande influência e altos cargos, se uniram para declarar a inocência deles e sua fidelidade aos poderes constituídos. E tendo voltado o Marechal Radetski da tomada de Monte Berico, ordenou a libertação deles. Assim, depois de nove dias de dura prisão, foram soltos, ou melhor, foram entregues ao Bispo para que os mantivesse no Seminário; e no dia 13 de junho, finalmente, foi comunicado pelo Bispo o generoso ato de graça!

77. – Depois de 1848 continuou em Verona o estado de sítio, e como consequência a lei militar. “Querendo o Comandante militar arranjar confessores italianos aos condenados à morte, e ao mesmo tempo desejando ter sacerdotes em quem pudesse confiar, pediu a D. Mutti, e este escolheu dois companheiros de Pe. Gaspar, que de bom grado os concedeu. E na verdade durante vários anos os nossos tiveram aquela piedosa obrigação de confortar os infelizes condenados à morte, acompanhando-os até o patíbulo. E Deus abençoou seu trabalho com um êxito feliz, e assim o Bispo e o Governo ficaram plenamente satisfeitos”. Bem a propósito lembramos aqui que dois dos nossos padres (Pes. Lenotti e Marani), durante muito tempo, fizeram palestras aos detentos, e ouviram suas confissões “conseguindo muitos frutos com grande satisfação deles”; e teriam continuado aquele trabalho de muito boa vontade se a falta de elementos não os tivesse impedido.



(105) – Crônicas do Pe. Gramego e do Pe. Zara. – É impossível imaginar os dissabores que sofreram naqueles dias que se encontraram amontoados em prisões humildes e escuras, com 5 colchões que deviam servir para 12 pessoas, e quase sem comida; e além do mais expostos às gozações dos soldados e de um ou outro oficial, que de vez em quando repetia a antífona: - Padres, mais uns dias e depois o paredão. (Cfr. Tomás Netti: Castelnuovo e os austríacos; cap. XVI).

CARTA Nº 14 A LEOPOLDINA NAUDET

Leopoldina Naudet pediu orações ao seu diretor espiritual talvez por “algum acontecimento que – como diz o conhecido “Giornale” – parecia opor-se àquela luz que (ela mesma) havia recebido sobre a Obra que o Senhor lhe colocou nas mãos”; e que parecia retardar sem fim a sua realização. O Servo de Deus está indisposto e obrigado a ficar em sua casa, até mesmo sem celebrar; promete, porém, rezar a Deus. Todavia não deixa de animar sua penitente a entregar-se com plena confiança à Providência Divina. Ele próprio se entrega com acentos de um calor e uma humildade singular.



Minha Senhora,

Agradeço-lhe a solicitude com que logo me enviou o livro; mas não queria incomodar nem a senhora e nem o Padre; neste caso peço-lhe dizer-me com liberdade, sendo-me o livro útil sim, mas não necessário que não possa suprir de outro modo. Por outro lado temo retê-lo por muito tempo, incomodando o dono (1).

Não faltarei, embora possa fazê-lo muito fracamente distante do altar nesses dias, de rezar ao Senhor segundo suas intenções (2).

Tempo virá em que serão soltos os laços das demoras, que a prudência ensina observar, e a Divina Providência delas se serve para proteger o que quer, até que a nuvem passe (3). No entanto felizes os que esperam nesta Divina Providência. Eles nada têm a temer que obstacule ou se interponha aos seus desígnios. Ela vai suave e fortemente ao mesmo tempo dispondo cada coisa ao fim pretendido: e todas as coisas, sejam prósperas ou adversas, e as vontades boas ou más dos homens, servem igualmente a Ele. “O Senhor faz tudo o que lhe apraz, no céu e na terra” (Sl 134,6). “Senhor, ninguém pode resistir à vossa vontade” (Est 13,9); e “Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam” (Rm 8,28).

Se eu não tivesse tantos pecados, que me devem fazer tremer, eu teria agora mais do que nunca o maior prazer, enquanto, quase nada fazendo, fico vendo o que o Senhor faz. Oh, como Ele é tão bom! E como supera todo nosso louvor! Por isso não devemos cessar de louvá-Lo quanto podemos, porque assim Lhe agrada, e se compraz em ser admirado, amado, louvado por estes miseráveis e fedorentos vermezinhas. E temos ainda um grande mandamento de esperar que a nossa miséria será um dia transformada em tantas glórias, e seremos semelhantes a Ele. Seja agradecido, bendito, amado para sempre.

Protesto à senhora o humilde obséquio da minha profunda veneração.

De Verona, 15 de janeiro de 1813.

Devotíssimo Humílimo Servidor

G. B. Indigno Sacerdote.



- (1) – Todo o parágrafo reflete a extrema delicadeza que o Servo de Deus costumava colocar em suas menores relações com o próximo: aqui não se trata senão de um livro emprestado. O “dono” pode ser o conhecido Superior: o oratoriano Pe. Fusari.
- (2) – A confiança na S. Missa é característica no Servo de Deus.
- (3) – Alusão à singular posição de L. Naudet ligada “sine die” ao amparo da Obra da B. Canossa.

MÊS: Agosto
ANO: 1993
Nº: 36

CARTA Nº 85 A LEOPOLDINA NAUDET

Breve carta sem data, de difícil colocação. Porém o título de “Minha Senhora” é sinal provável que tenha sido escrita antes de junho, ou maio, de 1826, quando o Ven. Gaspar começa a usar habitualmente o mais respeitoso “Ilustríssima Senhora”. Nós – porém com toda reserva – a colocamos um pouco antes da Páscoa, 3 de abril de 1825, devido ao segundo parágrafo e do grande Servo de Deus que é aí mencionado, se este é – como pode ser – o conhecido “Santo Príncipe” Alexandre de Hohenlohe que aparece de novo em uma carta pouco posterior à presente; e por causa da fórmula conclusiva, que no estilo do Ven. Gaspar tem um sabor de semana santa: cf. carta 31. O primeiro parágrafo é um conselho significativo de pobreza.



Minha Senhora,

Uma virtude jamais exclui a outra, não se combatem mutuamente. Quando portanto lhe parecer que a prudência ou a caridade exijam alguma coisa, não tema que aquilo seja contra a pobreza, nem falta contra o voto religioso. Os votos religiosos não são senão um meio em relação à caridade, ela é o fim. E o fim é que dá ordem, método, medida a todos os meios.

Não deixarei de unir-me como puder às orações daquele grande Servo de Deus que a senhora me indica. Procuremos a glória de Deus e a salvação do próximo, e Deus nos dará o restante por acréscimo, tendo-nos já dado seu Filho e com Ele todas as coisas.



CARTA Nº 126 A LEOPOLDINA NAUDET

Leopoldina expôs ao Ven. Gaspar a sua questão íntima como lhe havia pedido licença: isto é, uma norma para seguir quando na oração sentia-se levada até a perda dos sentidos. A resposta do Servo de Deus deve ser lida sem resumo.



Ilustríssima Senhora,

“Põe tuas delícias no Senhor, e os desejos do teu coração ele atenderá” (Sl 36,4). Sendo Deus o nosso fim, é preciso com o ânimo e com a intenção permanecer nele; o que não pode

haver sem sumo amor, na presença do sumo Bem. E Ele, pela infusão do seu amor, preencherá todos os desejos do nosso coração. “Senhor, ouvistes os desejos dos humildes, confortastes-lhes o coração e os atendestes” (Sl 10,17). Isto é o que Deus fará da sua parte.

Mas porque também nós devemos agir com Ele: “Não eu, mas a graça de Deus está comigo” (1Cor 15,10). Porém é preciso que a senhora com muita discrição abandone os sentidos, lá onde basta estar o coração só por estes poucos momentos. Virá aquele dia em que o coração e os sentidos serão inebriados naquela fonte de Beatitude. Mas no entanto para consegui-la – sendo ao mesmo tempo pagamento e prêmio – convém trabalhar no serviço deste Deus tão bom, ajudá-Lo na sua grande empresa, pela qual Ele mandou ao mundo o seu Filho, assim querendo Ele, embora não houvesse nenhuma necessidade.

O fim, pois, que é a regra de todos os meios, deve ser a regra para moderar também estes afetos de santa devoção. Se quer um exemplo, o encontrará no santo (Inácio) que a senhora quer imitar, o qual deixou aquela doce solidão em que vivia em doces entretenimentos com o seu Senhor, e a mais doce contemplação, pela ação mais viva e eficaz no meio do mundo. Deus, pois, que não se deixa vencer em generosidade pelos seus servos, o pagou bem, com aquilo mesmo que o seu servo deixava por Ele.

O tempo é breve, e depois estaremos para sempre com Deus. No entanto, digamos como S. Paulo: “Quanto a mim seria-me útil estar com Cristo, sem divagar-me com as criaturas e sair-me também desta vida; mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fl 1,24). “Porque, se vivemos, e se morremos é para o Senhor que morremos” (Rm 14,8). Cuide no entanto de colocar em ordem as coisas de Deus no seu santo Instituto, porque Deus não espera quando lhe fizer sinal para segui-Lo.

O Senhor a recompense pelo dia (da novena) para os meus companheiros. Escolherão de 21 a 29.



CARTA Nº 36 A LEOPOLDINA NAUDET

O advogado do diabo, no processo de beatificação, acreditou encontrar aqui uma das objeções contra a introdução da causa.

O motivo da sua trepidação era a ameaça de torná-lo vice-reitor do seminário.



Minha Senhora,

... As resoluções tomadas pela senhora para manter os Estudos e os Exercícios são oportunas, quando a uma senhora assim as julgou; mas eu queria poder ajudar a um e a outro, como a senhora acredita.

Recebo notícia de que cuidam no seminário fazer-me vice-reitor; coisa que me fere ao vivo, e me ocasiona muita tristeza e incômodo. Assim como as causas verdadeiras não se podem, nem se devem, expor a ninguém, assim, querendo escrever ao reitor sobre esta novidade para opor a minha discordância, não o fiz, para não ser preso por alguma palavra escrita, e amarrado como num laço, e obrigado a qualquer explicação que traria consigo não pequenas conseqüências. E não tendo a quem dirigir-me nessas dificuldades, tomo a liberdade de confiar a coisa à sua prudência.

Já dei uma noção a Pe. Farinatti, com a proibição, porém, de agir ou falar sem aconselhar-se antes com a senhora.

Pareceu-me fazer valer o argumento da saúde, que agora começa a ser prejudicada só com o pensamento e a tristeza que provo; que a saúde não é mais como era antes, e logo perceberia a que foi recuperada. E este argumento me parece bom na boca de um médico. Então Pe. Farinatti poderia, em meu nome, pedir ao doutor meu tio; assim não terão nada por escrito. Pe. Farinatti mesmo poderia alertar meus tios Scudellini, que dariam mais força à coisa. E o mesmo Doutor poderia levar a queixa ao Reitor, ao Vigário e a outros a quem diz respeito, pedindo ainda em meu nome. Digne-se a senhora de pesar tudo, e fazer com que Pe. Farinatti aja como se ele fosse orientado por mim.

E a senhora crê que estes meus temores são vãos e excessivos, ou muito humanos; não fujo da cruz, nem das conseqüências que os tempos ligam a trabalhos desse tipo; e confio nas suas orações para entrar pela divina glória em conflito maior que minhas forças; já que de um lado não quero ser covarde, e por outro não quero ser temerário; e o aconselhar-me com outros é perigoso, não mim; mas sim a eles, porque seria como acordar sonâmbulos, que é coisa para deixar o Senhor fazer a eles mesmos devagarinho.

Poderia também, Pe. Farinatti agir devagar, se a coisa não estivesse assim avançada, como suspeito; e aproveitar dos Scudellini, para que empurrem e ajudem o doutor, que é fraco, onde lhe fosse apresentado a utilidade e o prazer do seu filho que está no seminário.

Tudo, porém, se lhe parecer conveniente à glória de Deus, e se não julgar serem esses passos falsos ou humanos.

Nem tenha trabalho de me escrever ou prestar contas, mas faça agir ou não, conforme lhe parecer melhor para a honra de Deus.

Quanto ao Pe. Farinatti, pois, ele me escreveu que pelas suas meditações o Senhor providenciou muito bem, e me explica como e com muita consolação. Daí a senhora não se preocupe.

E de fato vê-se que o Senhor quer que nos lembremos Dele, e Nele esteja todo o nosso pensamento e afeto perpetuamente firme e recolhido. E se por isso esquecemos outras coisas, Ele, ou saberá lembrar a nós, ou com sua divina Providência levará a coisa até melhor que nós, com toda a nossa lembrança e pensamento, teríamos feito. Em suma, nós somos sempre diligentes quando “amamos a Deus”.

Feliz aquele que se perde neste abismo! Que passeia, animado e náufrago neste Oceano! Nunca uma criança está mais segura, que quando adormecida no colo da mãe, abandona todo pensamento e cuidado consigo mesma. Ela não vê, não ouve, não fala. Mas por ela, ouve, fala e age a mãe. E quando ela quer, sabe e pode acordá-la estando bem perto dela.

Lembre-se a senhora daquelas duas palavras de Nosso Senhor. A primeira: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5); e a outra: “Tudo posso naquele que me conforta” (Fl 4,8). Esteja, pois, sentando e esperando a abundância do Espírito e do Amor, segundo o mandamento de Cristo; e revestida então da força ao alto (Lc 24,49), encontrará facilidade no impossível.

Não se contente de andar atrás do perfume de Nosso Senhor, mas peça com fortaleza e com confiança: “Arrasta-me após ti” (Ct 1,3). E então, tomada pela mão Dele, não só caminhando, mas correndo, saltando, com saltos de gigante verá o seu Espírito unido ao de Deus, e uma só coisa com Ele (Sl 6; 1Cor 6,17).

No entanto tenho a honra de protestar-me à senhora com total estima e profundo respeito.

De Colognola, 31 de agosto de 1813.

*Humílimo Devotíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.*



CARTA Nº 12 A LEOPOLDINA NAUDET

A parte mais espiritual aqui está ligada particularmente a algumas notas, que Naudet escreveu em seu “Giornale” sob a data genérica de “janeiro de ‘1813”. “O Senhor me elevou sempre mais para estar ligada Nele e não ter outro intuito senão Ele em todas as coisas”. E ainda: “Na oração encontrei-me sempre passiva, sentindo que o Senhor operava em mim e queria fazer todo o trabalho, de modo que eu não podia fazer nada sem que estorvasse, ao invés de ajudar: isto me fez abandonar sempre mais Nele, e ficar imóvel em suas mãos”. Por estas duas notas existe o parágrafo “Foi ótimo o método”...



Minha Senhora,

Se eu tivesse encontrado algo na substância da Doutrina, não teria, pela liberdade que a sua humildade me concede, deixado certamente de fazê-lo, assim como fiz sobre a ortografia. Mas por aquilo que me parece, não tenho senão que louvar, admirar e agradecer a Deus, que dá os talentos necessários segundo a finalidade da vocação. E disto não devemos mais duvidar, nem mesmo depois, e em coisas mais difíceis; porque para Ele tanto faz ajudar-nos nas pequenas coisas como nos grandes empreendimentos; e estes, antes, em certo aspecto, são mais dignos Dele, embora diante de um Ser infinito em todas as perfeições, tudo é pequeno e pouco. E, por outro lado, toda coisa pequena e pouca que se faça por Ele, é sumamente grande e altíssima.

Foi ótimo o método que a senhora teve na oração, mostrando Cristo nosso Senhor que “uma só é necessária. Maria escolheu a boa parte (isto é de cuidar daquela uma só) que não lhe será tirada” (Lc 10,42). Todo o resto, realmente, não é mais que bagatelas. Parece que o Senhor faz como certos homens deste mundo, que, mantendo-se ocupados com os negócios mais sérios, deixam a administração das coisas domésticas livremente confiada à direção de suas prudentes esposas. E nem querem saber delas. E ao primeiro toque respondem logo: *façam vocês, resolvam vocês, tudo ficará bem feito!*

Eis, porém, a tendência do providente cuidado de Nosso Senhor: “fazer-nos viver do Espírito, espiritualizar todas as coisas, de tal modo que de tudo o que cai debaixo dos sentidos não façamos nenhuma conta, e, elevando-nos acima de tudo, estejamos de tudo, estejamos de tal modo confiados na Sua infinita misericórdia e bondade, que dela não nos devemos afastar por nada que aconteça, aqui em baixo”. Este é o nosso melhor bem; e dele Nosso Senhor, se ocupa com todo cuidado e plenamente. Os seus bens – que são os que nós oferecemos e consagramos a Ele – deixa que a nossa pequena prudência os administre, e nem quer ouvir falar deles.

“Jesus Cristo ontem e hoje” (Hb 10,8). Ontem nos alerta e nos dispõe a sofrer com fortaleza, e hoje nos dá a mesma fortaleza e a paciência para suportar toda tribulação para sua

glória. “Bendirei, pois, continuamente ao Senhor, seu louvor não deixará meus lábios” (Sl 33,2).

.....

Diga, se achar bom e oportuno, à senhora Sofia, que é preciso habituar-se a tudo: caso contrário, quando o Senhor der andamento à obra, ela terá necessidade de ficar com a Senhora Marquesa para poder vir a S. Firmo. Eu desejo que ela se FIRME na sua vocação, que é de ir a qualquer, e não se FIRME em S. FIRMO, que está sempre no mesmo lugar. Que coisa bonita é firmar-se em Deus, que movimenta todas as coisas que perpetuamente se movimentam, sem Ele se mover jamais, perfeitamente imóvel, imutável! E se esperará a morte para aprender esta lição?

Mas o Espírito Santo diz: “Felizes os mortos (mortificados, e mortos a si mesmos, a todo o mundo e às criaturas) que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, que descansem de suas fadigas” (Ap 14,13); isto é: é tempo que descansem das fadigas que fizeram para mortificar-se. Somente estes repousarão imediatamente após a morte. Os outros que não se afadigaram com violência voluntária nas suas mortificações, começarão a afadigar-se por violenta necessidade no fogo do Purgatório, e agonizarão tanto, que serão mortos de todo amor por si mesmos para viver só o amor de Deus.

Apressemos-nos, pois, em amar unicamente a Ele, vivendo e, sobretudo, para não encontrar prisão e obstáculos longos e penosos depois da morte, antes de chegar a possuí-lo, como somos chamados por sua bondade e misericórdia. A Ele sejam dadas glória e ações de graças por todos os séculos. E à senhora a devida demonstração da minha humilde servidão.

De Verona, aos 9 de janeiro de 1813.

Devotíssimo Humílimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.



CARTA Nº 25 A LEOPOLDINA NAUDET

Esta carta, espiritualmente, está entre as mais importantes de todo o Epistolário. A sua data porém (8 de março) é sem dúvida um lapso. Pelo “Giornale” de Naudet sabe-se que ela começou os Exercícios na tarde do dia 6. A carta deve preceder a entrada nos Exercícios. Seja, pois, o seu endereço, ao menos no dia 6.



Minha Senhora,

Não tema a senhora incomodar os servidores, se a senhora lhes dá antes de tudo alguma oportunidade de poderem servir ao seu Senhor; e muito menos se sinta obrigada dever agradecer-lhes, sendo bem pago eles, e muito bem pagos, por um Senhor tão grande e tão bom. Por isso, proponha a senhora com liberdade qual é o serviço de sua divina Majestade, antes direi, francamente, ordene! Porque a senhora não deve esquecer a honra que lhe faz Sua divina Majestade de admitir sua alma a tratados e promessas nupciais.

Os Exercícios não precisam ser divididos como o próprio S. Inácio os dividiu, e com o mesmo espírito. A senhora, portanto, discorra brevemente a Via Purgativa; passe a primeira parte da Via Iluminativa, pare um pouco mais na segunda; e um pouco mais na Unitiva: de acordo com estas razões e com o tempo, a senhora poderá dividir os Exercícios.

Quanto à preparação na Meditação: o sentimento interno e de recolhimento é melhor que o intelecto. No primeiro caso, o intelecto sem discorrer com o raciocínio, vê em um golpe de vista; e sem divagar de uma coisa para outra, firma-se no objeto principal; e sem ir e voltar e trazer depois a vontade, a tem por companheira e às vezes é precedido; aquela está, juntamente com o auxílio de Deus, em nossa mão; este, com o nosso sentimento, digo consentimento, depende de Deus; aquele é usado pelos homens na terra; este se assemelha ao que faremos perfeitamente no céu. Daí eu haver prevenido a senhora de não colocar as mãos diante de Deus, embora deva preparar-Lhe os caminhos, conforme os utilíssimos ditados de S. Inácio.

Quanto aos temores, não dê a senhora lugar senão ao amor, e se ofereça livremente ao amor, que quer dizer prontíssima a fazer o que conhecer agradar a Deus, e não por temor, mas principalmente por amor. O amor nada teme. Daí a senhora, colocada nesta magnânima disposição de amor, procurando unicamente o agrado de Deus, e confiando Nele sobre todas as coisas, descansa Nele e na Sua bondade, e não retraia de receber o divino Sacramento. Já estamos entendidos que onde não vir clareza total sobre estes temores, não os deva seguir; mas sirva-se da ocasião para crescer na esperança e no amor, fazendo atos mais fortes e vivos, colocando a alma ao ponto de fazer, com o auxílio divino, tudo para Deus, sem nenhum olhar para si mesma.

Abandone-se, portanto, totalmente a Deus nestes dias, como quer justamente S. Inácio, não pondo limites, nem prescrevendo coisas, nem tempo a Nosso Senhor.

As luzes a respeito do Instituto – como coisa de Deus e pertencente a sua glória – devem ser recebidas com grande sentimento de caridade e pureza de intenções, e guardadas com suma diligência. Anote-se, porém, até as menores coisas, e as grandes também (porque nas coisas de Deus tudo é grande) conforme o Senhor vai esclarecendo os pontos do plano deste edifício, e templo de sua glória. Assim Deus nos une pela caridade, com o próximo e com Ele, (de modo que) a melhor utilidade para nós e para o próximo é o útil para a Glória de sua divina Majestade. “Peço-te, Pai, para que sejam um”. A caridade faz que unidos, antes, feitos um, com a multidão dos nossos irmãos, cheguemos todos a nos tornar um com Deus, “como Tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós” (Jo 17,21).

.....
“Deus é o Senhor das ciências” (1Rs 2,3); e sem o auxílio destas ciências naturais, não se pode chegar à sublimidade das coisas espirituais, com diz claramente S. Gregório; e eu ousou acrescentar, nas suas circunstâncias, que é tão grande e tão delicado o trabalho do empreendimento, que ainda que agora se edifique, não poderá (depois) conservar sem o auxílio do muito saber em seus vários membros; e que o primeiro germe de corrupção desta grande Obra será a ignorância – o que equivale também ao saber muito – o saber mal, que é ter perdido o bom gosto.

Mas disto teremos ocasião de conversar adiante em outras circunstâncias. No entanto, depois da caridade e das virtudes, veja a senhora os estudos como o principal apoio do edifício, e peça, para a boa direção e projeto destes, muitas luzes à sua divina Majestade.

Quando ao que foi dito acima sobre os caminhos do Exercício, deve ser entendido assim, que ao mesmo tempo prudente e discretamente, a senhora, sabendo que o Senhor não se amarra em caminhos, o siga mesmo fora de caminho e fora de tempo.

Recomendo-me muito à senhora nas suas orações, e cheio de estima e veneração declaro-me

De casa, 6 de março de 1813.

*Devotíssimo Obrigadíssimo Servidor
G. B. Indigno Sacerdote.*



CARTA Nº 76 A LEOPOLDINA NAUDET

Nesta carta o Servo de Deus, depois de muito tempo calado, responde a várias “perguntas” que a Naudet lhe vinha fazendo; e que nós podemos resumir mais ou menos assim: É chegado o momento de agir para obter a aprovação do Instituto da mesma Naudet? Se positivo, quais os meios? É hora de pedir aprovação ao Sr. Bispo? Quereria Pe. Gaspar retomar a direção do Instituto? É o caso de colocar como intermediário entre Naudet e Bertoni o Ex-dominicano Pe. Guerreri, ou projeto, que Pe. Gaspar propõe para chegar seguramente ao fim, quando Deus quiser. Agrada ao Servo de Deus, e a ele também alude na carta de 26 de outubro de 1823.



Minha Senhora,

Das muitas perguntas que a senhora me faz, pois quer que eu responda, convêm-me dizer que eu vejo escuro de todo lado, salvo de um só, onde vejo bem claro; e isto é, que eu não posso assumir nem cuidar, de direção alguma afora aquela que tenho em mãos, e à qual como me é suficiente minhas forças, assim sinto-me com todo dever de levá-la àquela perfeição que possa a serviço de Deus. Alegro-me muito a confiança que a Senhora tem em relação ao êxito do empreendimento, e eu lhe confirmo; mas não me parece, porquanto eu deseje a execução, de ver agora o momento de fazer algo respeitante à aprovação: quando a senhora mesmo não vê os meios.

Porque uma coisa é dizer: dever-se-ia fazer a coisa? E eu respondo sim; e: como se pode fazer? E eu respondo não sei. Diga-se o mesmo do nosso Bispo (1). Conviria mostrar as regras; eis que se agora as coisas não estão maduras, arruinaria tudo. O Pe. Guerreri (2), pois, embora seja homem douto, por outro lado não tem necessidade, nem talvez paciência, como o bom Padre Superior, de esperar os meus conselhos, quando eu soubesse dá-los. Onde os casos de consciência ou de cânones, ele decide; mas em caso de prudência e de execução, deixa tudo a você mesma e ao seu parecer. Não me parece o homem oportuno para este assunto.

Com a oração, porém, se obtém tudo que não seja contra a vontade de Deus nem ao nosso melhor bem, porque o Senhor nos ama, mas nos ama verdadeiramente (3). Parece-me, portanto que nas atuais circunstâncias silenciosamente continuarei procurando ordenar-me e crescer internamente, a fim de que outros, não sabendo, não nos perturbem; e procurarei também de estender-me em qualquer cidade vizinha, como Mântua, Pádua, Bréscia, ou semelhante; onde principalmente não esteja a Marquesa, nem Pe. Pedro (4) com semelhantes instituições; procurando assim, também de fato, esta parte do Instituto que mais dificilmente seria admitida: “a união das casas”.

No entanto, mudar-se-ão os tempos e as opiniões, que agora não são muito favoráveis. À aprovação de um Ordinário acrescentarei a de um outro; o Governo político persuadido do fruto e do bom êxito do Instituto, e adquirida confiança, então o poderia aprovar, ou não

impedir que fosse aprovado por sua Majestade. Então logo, também formalmente, o aprovam os Bispos em toda sua extensão, e eles pedem a aprovação à Santa Sé formalmente, que neste caso é fácil obter.

Eis o meu projeto. A oração, a diligência, a fé poderão executá-lo se ele for realmente razoável e vantajoso para o serviço de Deus.



(1) – O Bispo D. Liruti podia ser suspeito de pouca simpatia para a Companhia de Jesus, da qual Leopoldina se aproveitava muito para as regras e constituições e para o espírito do Instituto.

(2) – Pe. Guerreri era também o Conselheiro do Servo de Deus, mas como aparece aqui, bem fiel aos princípios, fugia das aplicações concretas. Dez anos mais tarde Leopoldina, que teve de recorrer muito a ele, escrevia à Irmã Luisa: “...Consulto entre outros o Pe. Mestre Guerreri, dominicano santo e douto, o luminar da Igreja veronesa, que próximo dos oitenta anos, consultado por muitos, sabe responder a tudo, citando ainda Bulas, Autores, e capítulo, etc... etc...”.

(3) – Segue o projeto ou plano proposto pelo Servo de Deus.

(4) – O Servo de Deus veronês muitas vezes citado, Pe. Pedro Leonardi, com as suas Filhas de Jesus.



Santo e Feliz Natal!
Próspero Ano Novo!

MÊS: Janeiro
ANO: 1994
Nº: 41

CARTA Nº 140 A LEOPOLDINA NAUDET

Esta carta não tem uma data; se não que, por um lapso que parece evidente, o Servo de Deus escreveu 1820 em vez de 1828. Neste trecho, entram em campo a madura prudência, a caridade delicada, o zelo desinteressado do Ven. Gaspar no momento de dizer o seu “não” a um projeto que Leopoldina lhe apresenta de elevação de um espaço terreno no local adjacente de S. Teresa. Interessante é também o aceno às estreitezias em que se encontrou a Comunidade dos Estigmas, enquanto não foi terminada a construção de todo o convento.



Ilustríssima Senhora,

Não há alegria nesta vida que não seja misturada com dor. Apenas eu me havia consolado com as graças que o Senhor faz ao seu Instituto, e eis a tristeza que não se podem expandir a S. Domingos (1); e o que é mais, que eu não acho exequível o projeto do Mestre Carlos Pozzi, em razão da decência, que, levantando-se os estrados até a altura das salas, mal conviria, maximamente em um tempo que estão de olho em nós, que nas nossas salas sempre cheias de pessoas de todas as condições, idades, opiniões, fossem ouvidas as vozes das meninas e das Professoras, próximas quase a poder-se, com uma batida de mão em uma parede da sala, fazer-se ouvir; e no presente – em que os estrados todavia estão afastados – eu ouço vagamente no meu quarto as orações que muitas vezes muito abaixo são feitas.

Com o que, todas as precauções que tomei com tanta solícitude de pensamento e de despesa, e com a privação da luz mais clara, da comodidade e quase do necessário, mantidas, iriam todas pelo ar, por uma pequena elevação, que depois de conseguir o local do sr. Maboni não será senão de fato inútil, e que, esperando, a senhora pode ter mais comodidade e conveniência nas quatro salas que agora os nossos pedreiros ocupam, e que eu poderei desocupá-las até o fim deste ano.

E que de boa vontade lhe teria dado antes; porque me estão no coração as coisas a serviço de Deus, não somente na minha casa, mas onde quer que Deus seja servido e o bem das almas promovido, como vejo ser as suas; se o aperto enorme em que estou, de ter que acender fogo e cozinhar tudo em um só fogão, em uma só sala, que não tenho no momento outra cozinha para mim, e muito menos para os pedreiros; e lavar a louça em uma outra sala, e comer em uma outra – que é o meu quarto e sala de aula – sobre as mesmas mesas que servem aos alunos, não teria com meu desprazer mantido.

A Senhora se acomode como puder por este pouco de tempo, como é necessário que eu também faça, não lhe direi com que dificuldade e fadiga os poucos e já desgastados pela saúde e necessitados de um pouco de tranqüilidade que estamos, abundando porém de congratulações por aqueles frutos copiosos, ao menos com respeito à nossa fraqueza, que o Senhor tira e espreme das nossas angústias e tribulações (2), e não sem muita alegria, que participa o nosso

ânimo, do bom odor que Nosso Senhor esparge vizinho a nós desse eleito manípulo que a senhora sábia e prudentemente orienta nos caminhos da perfeição evangélica. A qual o Senhor se digne consumir em todos nós, segundo o espírito da nossa vocação, para glória do seu Santo Nome e para conforto da Igreja católica.

De casa, 30 de abril de 1828.

Humílimo Devotíssimo Servidor

G. B. padre.



- (1) – Igreja, mosteiro e propriedades, cuja preliminar de aquisição já estava feita há mais de um ano, cf. carta 114, nota 10. As circunstâncias pois impediam que se chegasse à posse atual e ao uso.
- (2) – Boa confissão de fruto do ministério que se desenvolvia então nos Estigmas.

TEMPO DE QUARESMA : PENITÊNCIA E CARIDADE
(*Gramática de Pe. Gaspar – pág.88*)

O TEU JEJUM SE TORNE ALIMENTO DO POBRE

O sinal mais próprio e característico da verdadeira caridade é este: “Não busca os seus próprios interesses” (1Cor 13,5). Quem ama de fato, com verdadeira amizade, deve procurar o que é bom para o amigo; enquanto quem procura o que é bom no amigo e o próprio prazer, não ama o amigo, mas ama a si mesmo.

Quem de nós está disposto, não digo dar a própria vida por amor do próximo – como fazem os santos, já perfeitos – mas dar de boa vontade o supérfluo das riquezas que muitas vezes são dissipadas, e sustentar o irmão que às vezes definha de fome? Não seria senão o simples preceito! Quem é que pelo zelo da salvação dos seus irmãos cuida em “ajudar o próximo conforme suas posses” (Eclo 29,27), com o uso discreto da correção fraterna, ao menos com o bom exemplo e a oração? Não seria senão observar – sem ultrapassar nada – o rigoroso preceito com que “Deus empenhou a cada um de nós para cuidar do próximo” (Eclo 17,12).

Proponhamo-nos, pois, estes empenhos que são de preceito, para começar a viver aquela caridade que se caracteriza principalmente pelo fato de procurar não o próprio interesse, mas o que é útil ao próximo.

A CARIDADE CUSTA SACRIFÍCIO

A caridade quer que eu saiba alegrar-me com os que estão alegres e chorar com os que choram (cf. Rm 12,15). Mas, não é verdade que nisto eu a ofendi muito, e talvez continue a ofendê-la? Pretendo que ela seja exercida para comigo; mas até que ponto eu a coloco em prática para com as pessoas que por tantos títulos sou devedor?

Ao invés de fazer aos outros o bem que posso, tenha inveja do que lhes é feito, e mesmo em certas ocasiões sou tentado a opor-me e colocar obstáculos. Ao invés de preveni-los dispondo-me também em coisas que não são estritamente exigidas pelo dever, aconteceu-me talvez me tornar absolutamente difícil no exercício do meu dever e em conceder o que é de obrigação. Ao invés de interessar-me por aqueles que estão em aflição, não chego talvez a provar uma certa alegria, ou me aconteceu de ser eu mesmo o motivo?

EXIGÊNCIAS DA CARIDADE FRATERNA

A caridade – diz S. Paulo – em primeiro lugar é “paciente”, para suportar os defeitos do próximo. É “benigna” para conquistar com doçura a alma dos irmãos a Cristo. Desejando ardentemente a sua salvação eterna, e com esta todo bem, “não inveja” por nada a sua prosperidade. Para não estorvá-los no caminho da perfeição, “guarda-se de fazer o mal”. “Não se ensoberbece” jamais por qualquer dote de corpo ou de espírito, e evita absolutamente o desprezo aos irmãos. “Não é ambiciosa” de ser superior ou de dominar sobre eles. Aliás, para

servi-los, piamente toda solícita com sua vantagem, “não procura a própria vantagem”. Provocada pelas injúrias, “não se irrita” e não se vinga. “Não pensa mal de ninguém”, mas tudo interpreta do melhor modo, salva a verdade, e procura só a correção. Deplorando os pecados do próximo, quase como seus próprios, “não goza com a injustiça”, mas “se compraz com a verdade” e goza com as virtudes do próximo.

Finalmente, a caridade “tudo cobre, tudo espera, tudo suporta” por amor do próximo, quando se trata de procurar o seu verdadeiro bem; sabendo dar com isso grande prazer àquele Deus, por cujo amor, ela é suavemente levada a amar o seu próximo (cf. 1Cor 13,4-7).

A PÁSCOA DO SENHOR

DA MORTE PARA A VIDA

Terminados nos dias passados os lamentos da penitência, consumada neste dia a nossa justificação, celebrada hoje por todos nós a Páscoa, sentimos estarmos também nós ressuscitados com Cristo, caminhar alegres na novidade da vida, apressarmo-nos solícitos com os discípulos para ver Cristo na Galiléia.

Do temor e da contrição subamos pois com segurança à confiança na divina misericórdia. Da alegria do século e da consolação do mundo passemos – pela compunção e pela tristeza que é conforme a Deus – a uma santa e devota exultação, a uma viva alegria espiritual no Espírito Santo. Agora não nos dá muita pena a lembrança das culpas passadas, como muito mais nos alegra e nos anima o desejo dos prêmios eternos. Felizes, nós, que vivemos hoje, juntos, esta experiência de alegria.

Mas procuremos tocar para adiante esta nossa corrida para o céu, até tocar a meta feliz para a qual estamos encaminhados; sem voltar para trás, não digo os passos, mas nem mesmo o olhar, para esta mísera terra de que estamos assim desapegados.

“Se portanto ressuscitastes com Cristo – proclama solenemente São Paulo – buscais as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita do Pai. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima, e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus” (Cl 3,1-3).

CONTEMPLAÇÃO DE CRISTO RESSUSCITADO

Imaginemos vê-Lo como aparece aos discípulos tão vivo e luminoso com as cicatrizes das Chagas, enquanto nos chama também ao Céu para onde se dispõe a retornar. Peçamos a graça de participar desta alegria imensa do Salvador.

A vida gloriosa assumida por Cristo na sua ressurreição foi verdadeiramente uma vida nova. Se queremos que em nós também a ressurreição seja verdadeira e perfeita, ocorre transformarmo-nos naquela vida nova, e proceder a uma mudança e a uma reforma do interior e do exterior. “Como Cristo ressurgiu dos mortos, assim nós também vivamos uma vida nova” (Rm 6,4).

De Cristo ressuscitado impassível convém copiar uma feliz insensibilidade a todos os acidentes da vida humana, uma tranqüilidade de espírito inalterável, uma admirável paz de coração.

A deslumbrante clareza que reveste a nova vida de Cristo deve refletir em nosso intelecto aquela sabedoria cristão que o eleva acima de todo o criado e lhe faz considerar Deus em nós mesmos; de onde provém, pois, mediante a oração um claríssimo e prático conhecimento de tudo aquilo que atinge a nossa salvação e perfeição.

Ao dom da agilidade, que leva em um átimo de um lugar para outro o Ressuscitado, deve corresponder a nossa prontidão e o nosso fervor nas obras para cumprir o bem e agradar a Deus.

Ao dom da sutileza, que torna o corpo espiritual e o faz penetrar por todo lugar, deve corresponder em nós uma vida segundo o espírito; vida de fé viva, de fé independente das impressões de objetos sensíveis. Esta vida é o efeito da morte espiritual.

A NOSSA PÁSCOA

MORTOS AO PECADO

Ensina S. Paulo: “Não sabeis que todos que fomos batizados em Jesus Cristo – ou, possamos chegar nós, lavados pelo Sangue de Cristo na Penitência, que é um laborioso Batismo – o fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo, para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6,3-4).

Que quer dizer ser mortos para o pecado? Em nada mais servir no pecado. Isso o Batismo já fez uma vez. A Penitência o renovou. Tornou-nos mortos ao pecado. Agora é necessário que façamos isto mesmo com a nossa solicitude; isto é, que qualquer coisa nos ordene o pecado ou a paixão desordenada ou a afeição perversa, nós sejamos totalmente surdos, em nada obedecendo, e perseveremos imóveis, como mortos.

Um morto não fala de ninguém, a ninguém faz injúria ou violência, não calunia ninguém, ninguém oprime; não inveja os bons, não insulta os maus. Não serve à luxúria da carne, não arde nas chamas do ódio; não adula os ricos e os poderosos do mundo; não é abalado por uma inquieta curiosidade, não procura os aplausos do mundo que o rodeia, não se preocupa com as honras, nem sofre com as injúrias. A soberba não o envaidece, a ambição não o aflige, a vanglória não o agita; as falsas riquezas desta vida não o exaltam, o furor insano da ira não o perturba, a beleza frágil de um rosto não o arrasta.

Isto quer dizer estar mortos ao pecado; não apreciar mais as coisas terrenas, os afetos desordenados, os desejos do mundo e da carne.

RESSUSCITADOS PARA A VIDA NOVA

Depois de haver evocado a ressurreição futura, S. Paulo exige de nós uma outra ressurreição; isto é um novo estilo de vida no presente, mediante a mudança de costume. Quando de fato um dissoluto se torna casto, um avarento misericordioso, um irascível manso, acontece então aqui uma ressurreição que é o início da futura.

Ouvindo falar de vida nova, cada deve criar em si muita adversidade, uma grande mudança. Mas bem faz chorar o pensamento de quanta virtude o Apóstolo exige de nós, e ver em quanta fraqueza caímos quando depois do Batismo voltamos a envelhecer nos vícios; quando depois do Maná celeste voltamos a procurar os vis alimentos do Egito; ou melhor, quando rejuvenescidos tantas vezes pela Penitência e libertados da escravidão, tornamos a cair na triste velhice do pecado e livremente tornamos a colocar as mãos nas infames cadeias.

Agora, porém, que nesta Páscoa ressuscitamos de novo para a graça e mortos ao pecado, como queremos abusar de tanta misericórdia? Como não queremos com todo esforço perseverar? A Penitência não vale só para cancelar os pecados anteriores, mas para confirmarmos mais ainda contra os futuros. Como no sacramento já fizemos a nossa parte – com o arrependimento, a acusação, a vontade de satisfazer – assim em seguida coloquemos a solicitude do nosso esforço para não ficar novamente contaminados.

Acrescenta ainda S. Paulo: “Se somos feitos o mesmo ser com Ele por uma morte semelhante à Sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição” (Rm 6,5). Como o corpo de Cristo sepultado na terra teve como fruto a salvação do mundo, assim nós também, sepultados novamente na Penitência, conseguimos o fruto da justiça, da santificação e de inumeráveis dons; alcançaremos também em seguida o dom da ressurreição.

ESCONDIDOS COM CRISTO EM DEUS

“A nossa vida está escondida com Cristo em Deus” diz ainda S. Paulo (Cl 3,3). E vejamos um pouco em que sentido se entende este escondimento da nossa vida com Cristo em Deus.

A vida nova que nos foi concedida é vida de graça que possuímos; e é vida de glória que esperamos. Uma e outra estão escondidas aos olhos do mundo.

O mundo desconhece este novo gênero de vida interior, espiritual e santa, a aborrece, a considera melancolia e morte. Além disso ela se apresenta aos seus olhos coberta com o humilde véu de mortificações, de aparentes tristezas e tribulações. A graça, a virtude e os dons divinos, que são como a alma desta vida, estão escondidos no íntimo do coração e do espírito. “Os bons são escondidos – afirma S. Agostinho – porque seu bem é oculto, e o que eles amam não é visível nem corpóreo; assim seus merecimentos estão colocados em segredo como seus prêmios”. E S. Gregório Magno esclarece também mais diretamente como aquele que cultiva realmente a virtude está escondido em Deus: “Qualquer pessoa que gosta de mortificar-se, se alegra muito com o repouso encontrado na contemplação; pelo qual quase morto se esconde do mundo e se oculta de todas as perturbações humanas no seio do amor interior”.

Vejamos assim a justa idéia do homem ressuscitado com Cristo. Pode ele jamais gostar das baixas coisas terrenas? Pode ele procurar outra coisa nesta vida senão as coisas sobrenaturais e celestes entre as quais deve viver eternamente? “Se portanto ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá de cima, a não nas da terra” (Cl 3,1-).

O ESPÍRITO DO AMOR

O HÓSPEDE DA ALMA

“O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5,5)”.

O Espírito Santo nos é dado com toda a riqueza de seus dons; não só, mas com a própria presença da sua Pessoa, e, portanto, com a presença da SS. Trindade. É a amizade estabelecida com a graça entre Deus e o homem que exige a presença, o Espírito Santo, na alma do justo, com a finalidade de unir-se do modo mais íntimo e de residir nele como em um templo, onde possa receber a homenagem de amor, de culto e de adoração.

O Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, vêm habitar na alma do justo como no seu templo, e aí permanece na mais profunda intimidade. As três Pessoas divinas, Pai e Filho e Espírito Santo, vêm a nós, enquanto nós nos aproximamos deles; vêm com o esplendor da luz, e nós nos aproximamos abrindo os olhos do espírito para deixarmos-nos iluminar interiormente; vêm com a potência do auxílio divino, e nós nos aproximamos dispondo nossos corações à obediência; vêm com a riqueza dos seus dons, e nós nos aproximamos com a humildade que nos prepara para recebê-los.

No desígnio divino tal inabitação da SS. Trindade em nossos corações quer ser uma realidade não passageira e provisória, mas duradoura e eterna.

COMO ACOLHER O ESPÍRITO SANTO E SUAS INSPIRAÇÕES

O Espírito do Senhor, assim como investiu Sansão (cf. Jz 14,6), assim investe todo justo, a fim de que execute obras espirituais e heróicas. Portanto o Espírito domine, governe nossa vida, como um piloto governa o navio e um cocheiro a carruagem. Não só o corpo, mas também a alma deve estar sujeita às rédeas do Espírito; o Senhor quer que ao Espírito esteja sujeita toda a potência da alma. Não basta o Batismo e os Sacramentos: se depois não te deixas conduzir pelo Espírito, perde a adoção.

As divinas inspirações são como os mensageiros que precedem a chegada dos grandes deste mundo. Os mensageiros de sua Divina Majestade querem, pois, ser bem acolhidos e ouvidos, e nós devemos fazer o que eles nos indicam. Depois deles, e depois que nós houvermos preparado tudo segundo seus conselhos, virá visitar-nos o Senhor dos Céus e da terra, ele em pessoa. Preparemos, pois, preparemos uma digna hospedagem a tal hóspede.

“Cabe ao homem formular projetos em seu coração” (Pr 16,1), diz a Escritura. Portanto procuremos não só usar diligência para preparar, com o auxílio divino, nossa alma para as visitas de sua Divina Majestade, mas usar de uma diligência suma e especial para que possamos encontrarmos-nos preparados sempre e constantemente.

“Nada te impeça de orar sempre” (Eclo 18,22), diz ainda o Espírito Santo. A guarda do silêncio, a atenção para não prolongar fora de medida as conversações, o cuidado em evitar toda frivolidade; tudo isto significa ter o ouvido pronto às palavras suavíssimas do nosso Criador.

O VENTO DE PENTECOSTES

“Levanta-te, vento do norte, vem tu, vento do sul. Sopra no meu jardim para que se espalhem os meus perfumes” (Ct 4,16). Se no vento do norte, vento frio que faz gelar e entorpecer tudo, é reconhecido o espírito do mal que se apossa dos maus e bloqueia os germes do bem, no vento do sul, que é o vento quente, é reconhecido o Espírito Santo que, atingindo as almas dos eleitos, as livra de todo torpor, e as torna fervorosas no agir com entusiasmo tudo o que é bom e perfeito.

Que se vá o vento do norte e venha o venha do sul, e sopra pelo jardim do Esposo e nele espalhe os aromas; e que se vá da Igreja, e de qualquer alma, o espírito maligno e venha o Espírito Santo. Com sua vinda o Espírito Santo infunde o fogo da caridade nos corações e os liberta do torpor da frieza.

Assim os aromas se levantam e de se difundem porque com a vinda do Espírito Santo o coração que antes era frio e entorpecido excita-se verdadeiramente para fazer o bem. Antes, muito depressa a voz do bem feito chega também ao próximo, de modo que, ouvindo estas coisas, sentem-se estimulados a fazer o bem, também eles. Expande-se assim em toda parte com a efusão do Espírito Santos, o perfume das virtudes; o santo jardim se abre em flores, e depois as flores produzem frutos saborosos e substanciosos.

(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)

O PAPA

ONDE ESTÁ PEDRO, AÍ ESTÁ A IGREJA

Deve-se reconhecer ao mesmo tempo o Espírito invisível da Igreja e a sua Cabeça visível. O Espírito de Jesus Cristo, não o espírito humano, não o da razão humana, mas o da fé. A Igreja é visível, portanto, deve ter também uma Cabeça visível. Sem espírito o corpo não é senão um tronco. Creiamos no Espírito de Jesus, e cedam as humanas razões. Assim submetamo-nos à Cabeça, tirando do meio toda humana presunção, se queremos viver e regenerar-nos em pé. Sem espírito não se vive, e sem cabeça nem se vive nem se governa em pé. Um membro sem espírito não vive; mas se é unido ao corpo e à cabeça se governa e poderá também reanimar-se.

Aqueles membros que se separam do corpo e da cabeça não podem nem viver nem governar-se, mas deterioram, se corrompem, se perdem. Existem também hoje aqueles que têm uma grande ciência de velhos, que trazem sempre à baila os seus tempos antigos, e não reconhecem o Espírito da Igreja nem o seu Cabeça visível. Mas diferente é citar as coisas velhas com o Espírito de Deus; então, pelo espírito inovador tornam-se novas. Sem o Espírito de Deus são velhas, sedições, rançosas. É o Espírito de Deus que faz tudo novo.

A fé romana é a fé da Igreja Católica. Onde está Pedro, aí está a Igreja. Onde está a Cabeça lá está todo o corpo. Quem está apoiado no erro vacila, cambaleia, cai. Quem está sobre a verdade divina está firme tranqüilo. Não foram os poderes terrenos que fundaram a Cátedra de Pedro, nem foram os Concílios: mas o Verbo de Deus que criou o céu e a terra.

Ah, Senhor, fechai os ouvidos do nosso coração às vozes da serpente; abri nossos ouvidos às vozes de Pedro, a fim de que não sejam jamais corroídos os nossos sentidos nem desfeita a pureza da nossa fé, mas possamos exibir o nosso espírito qual virgem casta a vós que sois o Esposo das almas fiéis.

OUÇAMOS CRISTO E SEU VIGÁRIO

Quando se trata de verdade de fé, não de controvérsias metafísicas e políticas, nós devemos crer na autoridade do Cabeça da Igreja, sobre a qual está fundada a casa de Deus, que é a coluna e o fundamento da verdade. Ouçamos Cristo e o seu Vigário. Se restássemos só nós com Noé, que ficou sozinho contra todos, nós poucos e sozinhos nos salvaremos dentro da arca, fora da qual sabemos não haver salvação. Aqui ficam bem as palavras de S. Paulo: “se mesmo um anjo vier pregar uma doutrina diversa daquela que ensina Pedro nos seus sucessores, não acrediteis, pena a morte eterna e a separação de Deus” (cf. Gl 1,8).

Roma cala; cala porque falou, reprovou, anulou, cassou todas as doutrinas galicanas, que não são senão opiniões de homens, embora seja Bossuet. Cala porque se fala depois de haver falado tanto por dez ou doze Pontífices, não lhe resta senão recorrer à excomunhão. Ela protela, como faz o próprio Deus, esperando o reconhecimento do erro e a penitência. “Não

temais aqueles que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temeis antes Aquele que pode precipitar a alma e o corpo na geena” (Mt 10,20).

É preciso ser bem cautelosos para não deixar-se seduzir, para não ficarmos enganados na simplicidade do nosso coração. Fechemos os nossos ouvidos para não ouvir a boca mentirosa e má. Certamente a verdade custa, mas a Cristo nosso Senhor custou mais. E o servo não deve estar em condição melhor que seu Senhor: “um servo não é maior que o seu Senhor” (Jo 13,16) (1).

O SUCESSOR DE PEDRO, MODELO DOS PASTORES

O ensinamento e a conduta do primeiro pastor é a norma da retidão do bom governo espiritual de todos os pastores da Igreja, portanto a fonte da comum felicidade dos fiéis. A bondade dos outros pastores e o feliz êxito do seu governo depende em grande parte da conformidade da sua vida com a forma de virtude proclamada pelo sumo pastor.

A Santa Sé falou sempre com clareza e com liberdade, repreendendo e fazendo conhecer o mal. Se às vezes ela escolheu o caminho de uma prudente e temporária dissimulação, jamais porém caiu na adulação para com os poderosos do mundo, e nem mesmo na vil fraqueza. Eis uma norma concreta para os pastores: quem se afasta daquele critério de juízo em avaliar as coisas, mesmo se no início possa obter algum sucesso, logo logo se descobrirá ter sido vítima de uma ilusão. Quem pois sai fora da fé de Roma, está fora da comunhão com a Igreja, porque a Igreja não é senão a união dos pastores e dos fiéis junto com Pedro.

Não se pode nem mesmo ficar neutros, no momento que a forma da virtude e a conduta da S. Sé no governo das consciências é a norma da retidão do bom governo proposto a todos os outros pastores, que agem bem enquanto concordam com ela. Não são opiniões os dogmas de fé. O que nos é proposto por Pedro é verdade que deve ser crida firmemente e sem duvidar.

Senhor, dai-nos a graça de aderir a Pedro com verdadeira fé e com todo o coração. Que percamos antes a vida que a obediência, como fez Cristo.



(1) – EPISTOLÁRIO, pág. 162s.: carta a L. Naudet, provavelmente de setembro de 1829. em fevereiro de 1829 apareceu na Revista diocesana de Paria uma declaração do Arcebispo D. Quélen claramente inspirada nos princípios do *galicanismo*. Foi esta a circunstância que deu origem à carta de Pe. Gaspar e explica o tom particularmente vibrante.

(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)

A IGREJA

A IGREJA ESPOSA DE CRISTO

Senhor, vós atraís pela vossa direita a vossa Esposa (cf. Ct 1,3), e corremos atrás da fragrância dos vossos perfumes (id.); seguindo os ensinamentos que a Igreja nos oferece com suas palavras, com suas obras, com sua disciplina, que são os frutos da vossa graça.

Vós atraís todas as coisas, Senhor, aos desígnios da vossa adorável Providência com a suavidade e a eficácia da vossa graça: “Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos os homens a mim” (Jo 12,32). Assim vós atraís a vossa Esposa, que é a Igreja nossa Mãe, e os vossos filhos e seus que somos nós.

Mas a vossa Esposa vós a atraís quase pela mão, com a vossa direita. De modo que ela não só vos segue, mas muito mais vos acompanha. Vós partilhais com seu cuidado materno a execução da vossa paterna Providência sobre nós. Nós ternos filhos não podemos correr convosco que fazeis não passos, mas saltos, e saltos de gigantes (Sl 18,6). Corremos também atrás de vós, na fragrância das vossas graças e seguindo os mandamentos da nossa Mãe. E se não podemos seguir-vos com o forte apelo de uma esposa adulta na escola do amor, vos seguiremos com as primícias do mais terno e juvenil nosso fervor (1).



(1) – Note-se nas meditações deste capítulo, a profundidade teológica com que Pe. Gaspar se achega à realidade da Igreja, vista antes de tudo como esposa de Cristo e mistério de comunhão, antes ainda de vê-la nos aspectos institucionais e jurídicos. Também neste a familiaridade com a Bíblia, especialmente com S. Paulo, consentiu a Pe. Gaspar ter intuições verdadeiramente proféticas.

A IGREJA MISTÉRIO DE COMUNHÃO

A Igreja, esposa de Cristo, é uma imagem viva da divindade, representando-lhe os traços principais: a unidade. “Pai Santo, guarda-os em teu nome, os que me encarregaste de fazer conhecer, a fim de que sejam um como nós. Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17,11 e 21). A unidade, pela união e ligação das partes, constitui a beleza imutável e a força invencível da Igreja; bela como a luz, fulgurante como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha.

O Espírito de Cristo desce com abundância da Cabeça, e se aumenta na medida em que cada um está disposto a acolhê-lo. Se uma das mãos está separada do corpo o Espírito, que procede da cabeça e chega a cada um dos membros passando através do próprio corpo, não a toca, e ela permanece sem vida. Se queremos receber o Espírito que procede da Cabeça, procuremos permanecer unidos e de aderir a um e a outro.

Sejamos por isso solícitos em conservar a unidade do Espírito por meio do vínculo da paz. “Amor sincero” (2Cor 6,6); não fingido, como é o daqueles que não têm outra coisa na boca senão caridade e perfeita caridade, enquanto se dividem entre e tentam dividir os outros da unidade.

Não haja entre nós diversidade de doutrina, divisões de partidos, mas um só espírito de fé nos anime a todos, como somos um só corpo. Um só é o fim sobrenatural ao qual todos tendemos, como uma só é a esperança a que somos chamados. Um só é aquele que nos propõe este fim e a ele nos guia. Se muitos pastores nos orientam, não nos orientam se não por sua autoridade, em seu nome: “um só Senhor” (Ef 4,5) (1).



(1) – Esta pregação – feita aos 06.01.1806, solenidade da Epifania – se apresenta como um orgânico e completo tratado sobre o tema da Palavra de Deus. Já pelo título ela manifesta que seja a posição fundamental assumida por Pe. Gaspar diante da Palavra de Deus; atitude que é de total dependência, seja pelo seu ensinamento, seja pela conduta da própria vida. “É bem difícil encontrar outros escritores espirituais que façam falar tanto assim e sempre tão a propósito os livros sagrados – afirma Pe. Dino Barsotti. É a sua vida interior que depende dos textos. Esses o guiam, são normas da sua ação; sobre eles se modela, deles tira a luz e a direção do próprio caminho” (Magistério dos Santos, Roma, 1971, p. 14)

(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)

A IGREJA

A IGREJA MESTRA DA FÉ

A mim ensina a minha Mãe, a Igreja Católica Apostólica Romana. E Deus ensina a minha Mãe. Posso também me encontrar em alguma dificuldade; por exemplo, há o dogma da divina predestinação e há o dogma da liberdade humana. Como se conciliam estes dois dogmas não interessa à minha fé: eu deixo a indagação aos teólogos. A mim, fiel, basta crer. Adoro o mistério, respeito as sentenças das escolas teológicas, refuto a heresia.

Na Igreja, o Pastor supremo corrige os defeitos na fé e nos costumes em força da interpretação segura das S. Escrituras e da Tradição. S. Jerônimo encontrando-se perplexo diante do problema de reconhecer em Deus três hipóstases, não recorre às luzes da sua mente nem da sua poderosa erudição, mas se dirige à autoridade da Cátedra de Pedro.

Pedro cuida de todo o rebanho. Se algum dos pastores falha, corre para corrigi-lo e recuperá-lo. A Pedra não falta: “Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16,18); não prevalecerão nem contra o edifício nem contra a pedra sobre a qual está fundada, pois se a pedra fundamental falhasse todo o edifício falharia. Pedro testemunha com autoridade, com franquezas e com verdade: “Confirma os teus irmãos” (Lc 22,32) e o faz com mansidão, para dar lugar à regeneração.

Se eu tivesse que chocar-me contra esta pedra, quebraria a cabeça. Se ao contrário apoiar-me sobre ela, estarei seguro.

COMO CRISTO GOVERNA A IGREJA

O meio fundamental com que Cristo funda sua Igreja são as Sagradas Escrituras, as profecias, os milagres. “Esta vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste” (Jo 17,3). Ora o estudo das Escrituras é o caminho necessário para conhecer Deus e Jesus Cristo. Mediante a Escritura o Senhor ofereceu à sua Igreja tão sólidas defesas quantos são os divinos mandamentos, e tantas armas quantos são os conselhos que guiam à santidade.

Cristo dirige, pois, a sua Igreja mediante o magistério dos pastores, a pregação dos sacerdotes, a administração dos sacramentos. Meios estes, que são eficazes por si, ainda que nem sempre as pessoas a quem são confiadas sejam exemplares. Os sacerdotes, mesmo celebrando alguma vez indignamente, cumprem a vontade amorosa de Deus de apascentar os seus fiéis; dão vida aos outros, com o risco de se matar espiritualmente. A vaidade, a avareza de certos sacerdotes, pelas quais pregam, dizem Missa, assistem as paróquias, estudam desde jovens como mártires... servem para Deus mesmo que para eles sejam condenação.

Cristo guia e governa a sua Igreja ainda através da experiência das tribulações. “Em verdade, em verdade vos digo, haveis de lamentar e chorar, e o mundo se há de alegrar. Vós estareis tristes” (Jo 16,20). O nosso Salvador confiou efetivamente à santa Igreja o peso e o sofrimento da sua Cruz, em vista de poder enriquecê-la depois com os dons mais excelentes no Céu: “a vossa tristeza há de se transformar em alegria” (Id).

OS SOFRIMENTOS DA ESPOSA DE CRISTO

A Igreja, governada pela graça do seu Esposo de maneira forte e ao mesmo tempo suave, coopera ativamente com aquela graça; e assim acontece que ela também se governa e se rege. Desde o momento, pois, que ela consegue a finalidade do seu governo – ou seja, a perfeição da graça nesta vida e a glória na outra – singularmente por meio das tribulações, convém deter-se para considerar a maneira deste governa admirável; e assim igualmente se destaca e a Providência divina do seu Esposo que a rege, e as virtudes singulares da Igreja, graças às quais ela se dirige sempre de maneira conforme ao seu espírito.

Deve-se reconhecer que as tribulações jamais faltam à Igreja. Não são somente as perseguições, que representam, por assim dizer, o tempo de guerra. Existem também muitos sofrimentos que a afligem em tempo de paz. Pensemos principalmente na dureza de coração de tantos pecadores e na pertinaz obstinação de grande parte do povo eleito. Também hoje tantos incrédulos, aliás, até mesmo sacerdotes que se proclamam modernos, colocam-se contra a Igreja e contra os sacerdotes fiéis.

Mas nos seus sofrimentos, a Igreja oferece uma estupenda lição. Ela se aflige sim, mas não se deixa absorver pela tristeza: ouvindo a voz do seu Esposo, a Igreja tempera com a consolação interna suas aflições. Antes, vemos que estas aflições produzem na Igreja um efeito de renovado fervor na pregação e de uma mais viva confiança na oração. Pode-se dizer, além disso, que delas germina um fruto de maior perfeição no desapego das riquezas e das honras mundanas.

Ó Senhor, fazer que nós saibamos conformarmo-nos com o espírito do Esposo e da sua Esposa, a fim de que, usando do mesmo modo os sofrimentos que afligem a Esposa, tendo os olhos nas adoráveis intenções da vossa Providencia, saibamos tirar delas os frutos visados pela vossa Misericórdia.

(De “A Gramática do Pe. Gaspar)

A IGREJA

A PERSEGUIÇÃO NA VIDA DA IGREJA

Senhor, havendo vós nos chamado à casa do vosso Filho, onde pela boca do Apóstolo nos preanunciais também as perseguições – “todos os que quiserem piedosamente, em Jesus Cristo, terão de sofrer a perseguição” (2Tm 3,12) – fazei que nós possamos seguir o exemplo da Santa Igreja, a fim de podermos conformarmo-nos a Ela, e cheguemos a ser filhos não ingratos ou indignos, mas antes fiéis imitadores dela, como ela o é do seu Esposo. Fazei que nós conheçamos o espírito da vossa Esposa a Igreja; a fim de que conhecendo-o, o amemos; amando-o, o desejemos; desejando, abramos a boca para pedi-lo e o coração para atraí-lo a nós.

Consideremos antes de tudo a causa e os princípios das perseguições. De um lado há na Igreja o zelo para converter os homens ao Evangelho. De outro, a obstinação dos pecadores. A Igreja do seu lado combate com a oração, e com a reta pregação que é fruto da oração. Da sua parte, combate também o pecador com o desejo de prejudicar a Igreja e com a astuta busca de colhê-la em erro. A Igreja porém não oferece nenhum pretexto: “Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim” (Mt 5,11).

A perseguição se agrava, pois, quando, reforçando-se da parte da Igreja a luta pela pregação, com a caridade mais ardente e com a confiança de proclamar o Evangelho, se reforça também da parte oposta a intolerância e se chega a proibir a pregação.

Mas consideremos também o êxito da perseguição. A história demonstra que não poucos perseguidores se converteram pela paciência da Igreja. Por isso cresce o desejo da Igreja de expandir ulteriormente o Reino de Deus. E a obstinada resistência de alguns é largamente recompensada com a conversão de muitos outros.

CONDUTA DA IGREJA PERSEGUIÇÃO

Os inimigos da Igreja sustentam a perseguição principalmente com a calúnia. Dizem que a Igreja é ambiciosa, apegada aos bens terrenos, diretamente contrária com a verdadeira religião e com o Evangelho. Mas ela desmente estas calúnias mostrando em si mesma um absoluto desprezo para o espírito do mundo, suportando com paciência as tribulações, comportando-se com desinteresse, com sinceridade e pureza de intenção, fazendo ver como todo o seu trabalho e o seu ministério são voltados para a realização do Reino de Deus. O próprio fato de que mesmo no meio dos trabalhos da perseguição, a Igreja persiste na fidelidade à sua tarefa de pregar o Evangelho com amor e intrépida fortaleza, é prova impugnável que ela caminha na verdade e na justiça.

Esta maravilhosa liberdade é um grande escândalo para seus inimigos e constitui muitas vezes um pretexto para agravar a perseguição. Mas a Igreja prossegue impávida o seu caminho, e na sua inalterável liberdade interior, dá sempre prova de mansidão, aprofunda a sua humildade, aperfeiçoa sempre o seu espírito de desinteresse, de continência, de pureza de intenção.

Senhor, conhecemos as tribulações da vossa Igreja, na qual se destaca igualmente a admirável Providência do seu Esposo, e a prudente, virtuosa conduta da vossa Esposa. Nós adoramos o vosso sapientíssimo governo e vos suplicamos de fazer-nos imitar a vossa Esposa, conformando-nos em tudo ao vosso convite: “Se alguém quiser vir após mim, toma a sua cruz” (Mt 16,24). Fazei que levemos, não arrastemos, a cruz e a levemos de boa vontade que cheguemos a gloriarmo-nos nela: “Quanto a mim não pretendo, mais, gloriar-me a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo” (Gl 6,14).

(De “A Gramática do Pe. Gaspar”)